

Boletim Cultural & Memorialístico de São Tiago e Região

Desde 2007 | Ano XVIII | Nº CCVI | Novembro/2024

Acesse a versão digital em www.sicoob.com.br/web/sicoobcreddivertentes



MAS QUEM NASCEU PRIMEIRO, HEIN?

O ovo ou a galinha? Aparentemente, um estudo citado pela revista Nature oferece uma resposta. E ela é, no mínimo, curiosa. Isso porque envolve até os Dinossauros! Quem conta e explica essa dinâmica é o Dr. Tarcísio Oliveira em artigo deste boletim. Para ele, aliás, "a evolução das Aves e dos Répteis é uma das histórias mais fascinantes da Biologia".

Pág. 9

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



Sicoob Creddivertentes é GPTW

Um lugar incrível para se trabalhar. Mais que um elogio, esse é título concedido ao Sicoob Creddivertentes pela Great Place To Work (GPTW), uma consultoria global que certifica os melhores ambientes profissionais em 97 países do globo. O resultado é alcançado com participação e voz dos próprios funcionários em quesitos como Cultura Organizacional, Liderança, Inovação e Confiança.

Pág. 10

Marco "Controverso" Polo

"Tente se colocar no lugar de um jovem de 17 anos que jamais saiu de sua cidade. Seu pai e seu tio, dois mercadores que estiveram ausentes toda a sua vida, voltam para casa antes de partir em sua próxima viagem. Mas desta vez você vai junto. A jornada cobre 24 mil quilômetros e dura 24 anos", começa artigo sobre o histórico Marco Polo nesta edição do Sabores & Saberes. Além de seus feitos heroicos mar afora, no entanto, o texto traz detalhes pouco abordados – incluindo o olhar diferenciado do navegador que ousou frustrar (muitas) expectativas europeias.

Pág. 11

A intrigante história de Vasile Gorgos

Ele desapareceu em 1991. Voltou misteriosamente 30 anos depois sem qualquer memória – mas vestindo a mesmíssima roupa que usava quando sumiu. Para intrigar ainda mais a polícia, a família e milhares de curiosos mundo afora, Gorgos tinham num dos bolsos um bilhete antigo de trem – e jura a todos que o perguntam que "sempre esteve em casa".

Pág. 14

PREÂMBULO

REFLEXOS DA COLONIZAÇÃO PREPOTÊNCIA DAS ELITES

A colonização escravista portuguesa – sequenciada pela minoria aristocrática e corrosiva que nos rege até os dias atuais – com toda a abundância de recursos naturais, negou à população o acesso à educação libertadora. Desprovidos de visão social, toda a riqueza foi e é canalizada para barões, engravatados, encapotados, envernizados, desavergonhados, sobrando às grandes massas a subalternidade, a vassalagem, a cidadania de quinta categoria, quando não adjutórios, quinquilharias, auxílios de cunho eleitoreiro, como mecanismos de sobrevivência e dependência, como forma a atenuar suas consciências delitivas.

Corrompidos por mordomias, privilégios, soberbos salários, imunidades para si mesmo arrogadas e assim ajoujados pelo pedantismo, incensados por bajuladores, o odor do aviltamento, do espojadouro parece-lhes aprazível ao olfato moralmente estropiado. O país dos salários escabrosos, das cédulas de presença faraônicas de estatais, do emparelhamento do Estado por grupos políticos e afins. Muitos, ainda que travestidos de honradez, perdem a noção da reputação, da probidade. Aí estão os saques ao Erário com respaldo legal, sinecuras.

Diz-se que cada povo tem o governo que merece. Ou seja, que os governantes, quando despotas, corruptos, refletem a soma dos pensamentos, sentimentos da consciência coletiva. O governo seria, em síntese, a projeção, o reflexo da aura magnética da sociedade. Assim, enquanto não modificarmos nosso íntimo, não nos elevarmos, não teremos governos justos, o que nos exige mudança de padrões mentais, reeducação cívica, sintonia com a consciência elevada, a prática da serenidade, paz interior, mansuetude.

Somos produtos de uma colonização predatória, onde nossas extensas riquezas são usurpadas, até os dias atuais. Ainda não temos, lamentavelmente, um projeto de nação, as elites que nos governam, há séculos, só se preocupam com seus interesses mesquinhos e egoísticos.

Somos, em síntese, um País à procura de si mesmo. A viagem através de nossa identidade durará ainda tempos, gerações, quiçá a encontraremos o mais rápido possível. Nossas raízes milenares indígenas, nossas fontes negras, nossos arcados pré-cabralianos povoam-nos igualmente o solo, miscigenam-nos o sangue, fortalecem nossa nacionalidade e identidade global.

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Adivinhas/Charadas

- 1- O que é, o que é? Na água nasci, na água me criei, mas, se me jogarem na água, na água morrerei.
- 2- Por onde é que passa um elefante, mas não consegue passar um mosquito?
- 3- O que é que chega na frente da sua casa, mas não entra?
- 4- Na cidade é uma profissão, na estrada é um perigo e na mata é um inseto?
- 5- O que pode correr, mas não anda; tem leito, mas não dorme; nasce, mas não morre?

Respostas: 1. O rio
2. Pela teia de aranha
3. A calyada
4. O barbeiro
5. O sol



Provérbios e Adágios

- Toda festa quer véspera.
- Quem brinca com fogo, sai chamuscado.
- A terra não come as lembranças, mas o tempo.
- Palavras amigas são doces como o mel, dão ânimo e novas forças.

Para refletir

• “É impossível progredir sem mudança e aqueles que não mudam suas mentes, não podem mudar nada.” *George Bernard Shaw*

• A loucura é vizinha da mais cruel sensatez. *Clarice Lispector*

• As novas tecnologias nunca vêm sozinhas. As mudanças tecnológicas são seguidas de mudanças sociais, políticas e culturais.” *Alvin Toffler - A Terceira Onda*

SINALIZAÇÃO, TOPOGRÁFICA E TURÍSTICA

Uma das medidas em si simples, mas fundamentais para o desenvolvimento local-regional é sinalização de pontos identitários e turísticos de cada município.

A instalação de placas de sinalização indicando povoados, sítios históricos e naturais (cachoeiras, montes, fazendas importantes) fortalecem o turismo e economia local.

As placas de sinalização, além de marcas de orientação e locomoção de visitantes, valorizam, sobremaneira, a cultura e a memória do município, seu patrimônio natural.

Da mesma forma, projetos turísticos podem/devem ser incrementados pela prefeitura da região, a saber:

- Roteiro das capelas
- Itinerário de Saint-Hilaire
- Caminhos de São Tiago
- Estrada de Goiás

Que projetos dessa natureza contem, decerto, com o apoio e sensibilidade dos nossos administradores municipais e de toda comunidade.



credientes@sicoobcredientes.com.br

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle

Coordenação: Ana Clara de Paula

Redação: João Pinto de Oliveira

Colaboração: IHG – São Tiago

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

CUIA, CABACÁ E COITÉ

As cuias já viveram seus dias de ouro dos tempos coloniais até as cozinhas das casas, fazendas e roças contemporâneas de nossos avós. Escorrer o arroz, deixar de molho a verdura, reservar pedaços de frango antes de uma boa lavada com caldo de limão capeta e jogar água na horta de couve ao estilo lavadeira eram tarefas para a sua presença eficiente, considerada natural e imprescindível, qualidades daquilo que sempre foi o que deveria ser.

Essa herança indígena tinha suas qualidades: era leve, não alterava o sabor dos alimentos e não esquentava. Ajudou a construir uma parte importante, porém humilde, dos fundamentos de nossa cultura atuando como ferramenta utilitária representando um símbolo de época, ou silenciosa na lida da cozinha.

Na parede atrás da pia estendia-se um retângulo de pano, de preferência uma estampa bonita e leve, presa por dois ou quatro pregos. Por sobre este painel dependuravam-se as cuias lado a lado depois de lavadas, trabalhadoras bonitas em descanso e decoração involuntária, depois da faina de se limpar a cozinha deixando tudo limpinho e arrumado até a próxima refeição.

Durou até a disseminação do consumo de objetos de plástico. Hoje bacias e objetos similares deste material são muito facilmente encontrados em supermercados, lojas de produtos de casa e até e muito nas barraquinhas da Festa do Padroeiro São Tiago, em 25 de julho. O plástico é barato, comprado pronto para o uso, de reposição imediata, limpeza fácil e as pessoas não se apegam a ele, pois não tem presença e personalidade. Para falar a verdade quem se importa se um objeto utilitário tem presença e personalidade? A cuia exigia a existência de uma árvore de cabaça na horta da família ou de alguém conhecido. Depois, partir, retirar o miolo, deixar secar e curtir ao sol, e higienizar e dar acabamento. Era difícil.

É necessário definir melhor a diferença entre cuia, cabaça e coité para melhor entendimento. Cuia é o objeto primordial, utilitário por natureza em seu inicio e transformado em meio de decoração rustica hoje em dia. Pode ser feita de vários materiais como madeira, cerâmica, plástico, vidro, metal e por que não, cabaça. Esta, por sua vez, é o fruto de árvores como a Cuieira e o Porongo, apresentando um perfil curvo característico e utilizado por diversos povos na produção de recipientes, máscaras rituais, instrumentos musicais e boias. Apresenta o formato tradicional de nossas cuias de cozinha.

O Coité é outro tipo de cabaça, menor, mais delicada e de formato ovalado, utilizado por



Cuia da roça - Fonte: facebook.com/JeitinhoDeRoca

para se fazer cumbucas, conchas de medição para secos como fubá e polvilho e até servir de prato.

Na época colonial a cuia de cabaça já fazia valer sua serventia. Utensílios de cozinha e mesa quase inexistiam e os disponíveis eram grosseiros. Além das cuias, panelas de barro, improvisados copos de cabaça pequena e ausência de talheres faziam o dia a dia. Era costume comer com a mão. Mesmo nas casas de famílias ricas isso podia acontecer. Objetos como talheres, louças e bandejas, se existissem eram deixados de

rança, relacionados no inventário.

Este versátil objeto ainda mantém-se na ativa cumprindo outras funcionalidades. O artesanato tem se servido bastante dessa matéria prima e dentre tantas criações destacam-se as galinhas decoradas, quase uma mania. É fácil de esquecer então é bom lembrar que aquilo que dá a vida ao berimbau é



Pé de coité - Fonte: oxerecide.com.br

uma cabaça, funcionando como caixa de ressonância para o tradicional batido dançante.

Nos estados do sul do Brasil um corte específico da cabaça aliado a um canudo de sucção metálico com design característico dá origem a um conjunto caro à identidade do homem gaúcho. A dupla cuia e bomba são utilizadas pelos homens dos pampas para tomarem a erva mate, em sua versão quente, o chimarrão, e em sua versão fria, o tereré.

O tacacá, prato símbolo da gastronomia da região norte, é servido em uma cuia parecida com tigela, envernizada e decorada com uma tinta escura extraída de cascas de árvores.

No nordeste do país, por incrível que possa parecer, cuia é uma medida de volume, correspondendo a mais ou menos 400 ml.

Muitos dos que gostam de uma pinguinha ritualística, e como todo bom apreciador tem lá suas idiossincrasias, utilizam uma pequena cuia, uma cabacinha substituindo o trivial copo. Não sei se é uma cabaça que não cresceu ou se é outra espécie. É simpático!



Cabacinha para tomar pinga
Fonte: folklorevertentes.blogspot.com

Fabio Antônio Caputo

CAPITÃO JOÃO GONÇALVES DE MELLO (PAI)

Um dos mais importantes sesmeiros e poderosos latifundiários da região, meados do século XVIII, o Cap. João Gonçalves de Mello (pai) nasceu na freguesia de Santo Estevão, termo de Chaves, arcebispado de Braga, filho de Francisco Gonçalves e Anastácia Pires, naturais da mesma freguesia de Santo Estevão. Em meados do século, era proprietário de fazenda e lavras minerais na paragem denominada "Recôncavo da Lagoa Verde", aplicação da capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra, freguesia de Nossa Senhora do Pilar de São João Del-Rei. O Capitão era irmão terceiro das Ordens do Carmo e do Santíssimo Sacramento de São João Del-Rei.

Casou-se duas vezes. Em primeiras núpcias com Maria Cleofa Bueno, filha do Licenciado Antonio de Moura e de D^a Rosa Maria Bueno de Moraes⁽¹⁾. D^a Maria Cleofa Bueno faleceu na Paragem da Lagoa Verde, provavelmente de complicações de parto, com inventário aberto aos 16-10-1747⁽²⁾. Deixou uma filha única, Maria Cleofa Bueno (homônima da mãe) batizada aos 25-07-1747 na capela de Conceição da Barra. Esta se casou em 1766 com José Ferreira da Silva, natural e batizado na freguesia de Santa Cruz de Albergaria Velha, bispado de Coimbra, filho de Rafael Fernandes (ou Ferreira), natural este da freguesia de Albergaria Velha e D^a Maria Marques da Silva, natural ela da freguesia de Ribeira de Fragoas, bispado de Coimbra. José Ferreira da Silva faleceu aos 15-03-1810 e D^a Maria Cleofa, com testamento datado aos 12-09-1822. Casal com 8 filhos⁽³⁾.

O Cap. João Gonçalves de Mello se casou em 2^{as} núpcias com Ana Quitéria de Souza, filha de José da Costa Fialho e Maria de Souza Delgado. O Cap. João Gonçalves faleceu aos 17-02-1772, sendo inventariado por sua 2^a esposa, D^a Ana Quitéria de Souza⁽⁴⁾. O casal teve os filhos:

I. Maria Vitória do Nascimento, batizada aos 01-08-1751 na capela de São Gonçalo (Caburu). Casou-se aos 22-11-1773 na capela de Conceição da Barra com José de Andrade Peixoto. Viveram "pelas partes do Rio Grande". D^a Maria Vitória faleceu com testamento aos 31-12-1810, sendo inventariada pelo filho o Alferes José Joaquim de Andrade.

II. Inácia Bárbara Feliciana de Mello batizada aos 04-12-1752 na capela de Conceição de Barra. Casou-se aos 17-06-1782 na capela de São Tiago com o Dr. Manoel Rodrigues Pacheco de Moraes, natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Guarapiranga. Pais de Francisco, batizado aos 10-08-1786 na capela de São Tiago.

III. Cap. João Gonçalves de Mello (homônimo do pai), nascido em 1756 e falecido com testamento aos 07-09-1831 na Fazenda Boa Vista, aplicação de São Tiago. Casado em 1^{as} núpcias aos 16-10-1786 na capela de São Tiago com Ana Rodrigues de Jesus (Faria), tendo os filhos: 1. Ten. João Lourenço de Mello; 2. Vicente Venâncio de Mello; 3. Maria Cândida de Santana c/c Ten. Hipólito José de Faria; 4. Vicêncio Paulina de Jesus; 5. Antonio Lourenço Gonçalves de Mello; 6. Clara (demente); 7. Manoel Gonçalves de Mello. Enviuvando-se, o Cap. João Gonçalves se casou com Rita Clara de Jesus, tendo os filhos José, Bárbara, Maria, Ana, Joaquim, Clara Maria de Jesus, Maria, Francisco, todos nascidos, batizados e/ou casados em São Tiago.

IV. José Gonçalves de Mello, batizado aos 31-05-1762. Casou-se na capela de São Tiago aos 22-10-1784 com Mariana Rosa de Jesus, natural de Ibituruna, filha de Antonio Martins da Costa e Rita de Cássia. Em sua maioria, os filhos do casal José Gonçalves e Maria Rosa foram nascidos, batizados e/ou casados na capela de São Tiago. Curiosidade: uma das filhas deste casal, Inácia, batizada aos 20-08-1786 na capela de São Tiago, teve como padrinho o Pe. Carlos Correia de Toledo e Mello, inconfidente e proprietário da Fazenda Monte Alegre, na aplicação de São Tiago.

V. Francisco Gonçalves de Mello, nascido em 1764; casou-se aos 14-01-1790 em Pium-i com Leonor de Assunção.

VI. Manoel Gonçalves de Souza se casou aos 14-01-1790 em Pium-i com Hipólita Jacinta de Mello

VII. Alexandre Gonçalves de Souza e Mello, batizado aos 24-04-1768 na capela de Conceição da Barra. Casou-se aos 23-11-1796 na capela de São Sebastião com Clara Francisca de Jesus, filha do Cap. Matheus José de Faria e Bárbara Francis-



ca de Jesus, proprietários da Fazenda Ribeirão do Mosquito (hoje Cel. Xavier Chaves).

NOTAS

(1). *Antonio de Moura era natural da freguesia de Santa Justa, cidade de Lisboa, filho de Luiz de Moura e de Luiza Monteiro, natural de Santos (SP)*

Filhos do casal Antonio de Moura e D^a Rosa Maria Bueno de Moraes:

I. Maria Cleofa de Moura Bueno, batizada na capela de Santo Antonio do Rio das Mortes Pequeno, foi a primeira mulher do Cap. João Gonçalves de Mello

II. Pe. Victoriano da Paixão Correia, natural de São João Del-Rei, com 64 anos em 1797. Requereu De Genere em 1758. Foram doadores de seu patrimônio os tios Maria Leme de Oliveira c/c Manoel Ferreira Pereira (Sobre o casal Maria Lemes e Manoel Ferreira Pereira ver matéria em nosso boletim nº CLXXXI – outubro/2022).

III. Pe. Francisco Xavier de Moura – habilitou-se ao sacerdócio juntamente com seus irmãos Victoriano e Manoel. Com 61 anos em 1797. Ditou seu testamento na Fazenda do Tanque, aplicação de Conceição da Barra aos 23-11-1807. Inventariado em 1809.

IV. Pe. Manoel Correia de Oliveira

(Fonte: De Genere dos padres Victoriano da Paixão e Francisco Xavier de Moura).

(2). *Inventário de D^a Maria Cleofa Bueno, ano 1747, Iphan/SJDR Cx. TR1*

D. Maria Cleofa Bueno era natural e batizada na capela de Santo Antonio do Rio das Mortes Pequeno, freguesia da Matriz do Pilar de São João Del-Rei

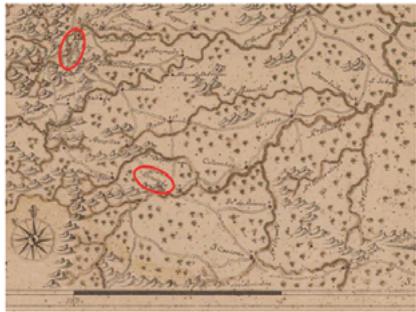
Bens de raiz;

Sítio "Lagoa Verde" composto de casas cobertas com telhas novas, senzalas de capim, moinho coberto de telhas, árvores de espinhos e bananeiras, capoeiras e matos virgens, com serviço de água, plantações de 4 alqueires de milho, em divisas com Feliciano da Silva, Manoel Lopes Machado, Cap. Luiz Marques e Antonio José Correia – avaliação 950\$000

(3). *Filhos do casal José Ferreira da Silva e D^a Maria Cleofa Bueno:*

I. José Ferreira da Silva, batizado aos 15-01-1767 na capela de Conceição da Barra

II. Ten. Manoel Ferreira da Silva, batizado aos 10-07-1768 na ca-



pela de Conceição da Barra III. Mariana Ferreira da Silva – casou-se aos 12-11-1798 com João José da Rocha na Ermida de Santa Ana da Fazenda do Tanque em Conceição da Barra. Proprietários da Fazenda Pinheiro em Santa Rita (Ribeirão das Neves)

IV. Pe. Francisco Ferreira da Silva batizado aos 12-08-1772 na matriz de Nossa Senhora do Pilar em São João Del-Rei. Vigário de Conceição da Barra entre 1833/1840. O último grande minerador a explorar lavras nas margens do Rio das Mortes. Recenseado pelo Barão von Eschwege em 1814, contando, então, 38 escravos. Provavelmente, era Pe. Francisco o proprietário da Fazenda do Tanque à época da passagem do cientista Auguste de Saint-Hilaire (1919). Além da mineração, a Fazenda do Tanque era provida de engenhos de moer cana, um deles a água e o outro a tração animal (bois).

No Censo de 1840, Aplicação de Conceição da Barra, Pe. Francisco era morador do fogo 01, contando 60 escravos (APM Cx. 6, doc.11). Redigiu seu testamento em 1837 e seu inventário aberto em 1843, tendo reconhecido 4 filhos naturais: 1. Joaquim Ferreira da Silva, morador em Catalão/GO. 2. Páscoa Maria Xavier Ferreira, c/c Simão Antônio de Siqueira, filho natural de Brás Freire de Siqueira. 3. Joaquina

da Silva Xavier c/c Eugênio Martins Ferreira, residentes em Além Paraíba/MG; 4. Maria Madalena c/c João Nepomuceno de Siqueira.

V. Alferes Rafael Ferreira da Silva, batizado aos 10-03-1781 na capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra.

VI. Ana Josefa da Silva, batizada aos 22-03-1784 na capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra. Casou-se aos 12-11-1798 na Ermida de Santa Ana da Fazenda do Tanque com Manoel José Pinto.

VII. Maria Cleofa da Silva, batizada aos 14-06-1786; casou-se aos 02-02-1806 com o Alf. Brás Freire de Siqueira na Fazenda do Ribeirão, aplicação de São Gonçalo do Brumado (Caburu).

VIII. Antonio José Ferreira da Silva, batizado aos 30-07-1788.

(4). Capitão João Gonçalves de Mello, falecido aos 17-02-1772, na paragem chamada "Recôncavo da Lagoa Verde", aplicação da capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra, freguesia de Nossa Senhora do Pilar da vila de São João Del-Rei. Inventariante D^a Ana Quitéria de Souza – IPHAN/SJDR Cx. 534, ano 1772.

Bens:

Terras e águas minerais com seus respectivos serviços de açudes, regos, tanques, esgotos, valas abertas existentes na extensão do sítio Lagoa Verde – 1:000\$000

Sítio denominado "Paragem Lagoa Verde" com casas de vivenda, paiol, moinho, tudo coberto de telhas, senzalas cobertas de capim, arvoredos de espinhos e mais pertences – capoeiras, campos cercados com seus valos em divisas com o Alferes Domingos da Costa Guimarães, Francisco Lobo Rios, Domingos de Abreu Coutinho e José Francisco Guimarães – 1:157\$500. Monte-Mór – 5:819\$043.

CAPITÃO JOÃO GONÇALVES DE MELLO (FILHO)

O Capitão João Gonçalves de Mello (filho) foi um dos grandes potentados e uma das maiores fortunas da região, quiçá da Província, entre o final do século XVIII e inícios do século XIX, deixando vasta descendência em seus dois casamentos. Era ele natural da freguesia de São João Del-Rei, filho homônimo de João Gonçalves de Mello e Anna Quitéria de Souza.⁽¹⁾ O Cap. João Gonçalves de Mello (filho) faleceu em sua Fazenda "Boa Vista", aplicação de São Tiago, com inventário aberto aos 07-09-1831, sendo inventariantes seu irmão o Cap. Alexandre Gonçalves de Mello "unido em um corpo com minha mulher Rita Clara de Jesus". Como 2º e 3º inventariantes, nomeou, respectivamente, seu genro o Ten. Hipólito José de Faria e o Cap. Carlos Joaquim de Souza. Devoto fervoroso de São Tiago, o Cap. João Gonçalves de Mello determinou testamenteiramente seja "meu corpo, envolto em hábito carmelitano da qual ordem sou irmão, será sepultado na capela de São Tiago..." (Fonte: Cap. João Gonçalves de Mello – Inventário – IPHAN/MRSJDR – Cx C-15, ano 1832).

Foi casado em primeiras núpcias com Ana Rodrigues de Jesus (Faria)⁽²⁾, tendo 7 filhos e em segundas núpcias com Rita Clara de Jesus com quem teve 8 filhos.⁽³⁾

Ditou seu testamento aos 16-08-1830 na Fazenda da Boa Vista do distrito de São Tiago, no qual solicita "ser meu corpo, envolto no hábito carmelitano da qual ordem sou irmão, será sepultado na capela de São Thiago". Deixou como testamenteiros, como já vimos, em primeiro lugar seu irmão Alexandre Gonçalves de Mello e a viúva Rita Clara de Jesus "unido em um só corpo"; em segundo lugar seu genro Hipólito José de Faria e em terceiro ao Capitão Carlos Joaquim de Souza. Testamento aberto aos 07-09-1831, data de falecimento. Seu inventário acha-se arquivado na cx. 6-15, IPHAN/SJDR, ano 1832, nº de págs. 612, sendo inventariante Rita Clara de Jesus.

O Cap. João Gonçalves deixou sobreja e invejável fortuna, mencionando-se, dentre bens de raiz:

- Morada de casas no arraial de São Tiago, constando sobrado coberto de telhas, com quintal e arvoredos, dividindo com Januário Ferreira e José Vicente Ferreira – 300\$000;
- Mais uma morada de casas coberta de telhas – 800\$000;
- Fazenda denominada "Boa Vista", no distrito de São Tiago

go, com cultura, campos, matos virgens, capoeiras – 132\$000;

- Morada de casas assobradadas com quintal, cercado de muros de pedra no lugar denominado "Tatu", distrito de São Tiago – 160\$000;

- Fazenda "Tatu" que se compõe de matos, campos, em divisas com Sebastião Manoel e Manoel Rodrigues Rosa – 492\$000;

- Terreiro na Fazenda "Capão Grosso", distrito de São Tiago, com cobertas de telhas, regos de água, onde mora a herdeira Maria Cândida c/c Ten. Hipólito José de Faria – 100\$000;

- Fazenda de cultura e casas de vivenda sítas na Mata do Bom Jesus da Cana Verde;

- Fazenda de cultura área de 50 alqueires, com casas de vivenda cobertas de telhas, paiol, moinho, rancho, sítia no Corgo das Almas, no curado de Santo Antônio do Amparo – 1:500\$000;

- Terras de cultura com 105 alqueires de planta na Fazenda Córrego Danta – 1:400\$000;

- Fazenda Cachoeira da Farinha Podre, julgado de Desemboque, Triângulo Mineiro, onde moravam os herdeiros Vicente Venâncio de Mello e Rita Maria de Jesus c/c José Almeida Ramos – valor decomposto 368\$904.

Monte-Mór 62:560\$230

NOTAS

(1). D^a Anna Quitéria de Souza (1731...) era filha de José da Costa Fialho e Maria Delgada de Souza, e irmã de Ignacia Caetana, mãe do lendário Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro (1740-1826), proprietário da Fazenda das Gamelas – São Tiago

(2). D^a Ana Rodrigues de Jesus (Faria), 1^a esposa do Cap. João Gonçalves de Mello (Filho – 1756-1831) era filha do Cap. João Rodrigues





de Faria e Izabel do Rosário. Casamento realizado na capela de São Tiago aos 16-10-1786. O Cap. João Gonçalves e Ana Rodrigues de Faria tiveram os filhos:

I – Ten. João Lourenço de Mello, batizado aos 04-02-1788 na capela de São Tiago. Casou com Teodora de Proença Lara (1788-1832), filha de José Rodrigues do Souto e Maria de Lara de Proença Góes. Casal com 8 filhos, todos nascidos e batizados em Santo Antônio do Amparo. O Ten. João Lourenço era já viúvo e demente em 1832, sendo tutelado por José Gonçalves de Faria Lara. Avós paternos: João Gonçalves de Mello (1700-1772) e Ana Quitéria de Souza (1731-...); Avós maternos: João Rodrigues de Faria (1750-1805) e Isabel do Rosário (1750-1804).

Filhos do casal: Maria das Dores Mello; Ana Mello; Francisco Mello; Maria; Maria Felizarda c/c Joaquim Francisco de Moraes, filho de Gabriel Alves de Moraes e Mariana Rosa aos 31-07-1827 na capela de Santo Antônio do Amparo; José Mello; Francisca; Gertrudes.

II – Alferes Vicente Venâncio de Mello, batizado na capela de São Tiago aos 31-05-1790. Casado com Maria Joana, foram proprietários e moradores na Fazenda São Miguel, na aplicação do Santíssimo Sacramento, julgado de Desemboque, comarca da vila de Paramatu do Príncipe.

III – Maria Cândida de Santa Ana, batizada na capela de São Tiago aos 31-07-1791, casada com o Ten. Hipólito José de Faria, proprietários da Fazenda "Capão Grosso", distrito de São Tiago. Casal com 4 filhos.

IV – Vicência Paulina de Jesus, batizada na capela de São Tiago aos 05-08-1794, casada com o Alf. José Ignácio de Faria.

V – Antônio Lourenço Gonçalves de Mello, nascido e batizado em

1797. Casado com Maria Francisca de Jesus e moradores no sertão da Farinha Podre (Triângulo Mineiro).

VI – Clara, batizada na capela de São Tiago aos 08-12-1797. Desassosseada.

VII – Manoel Gonçalves de Mello, batizado na capela de São Tiago aos 03-05-1799. Morador no termo de Tamanduá (Itapecerica).

(3). Filhos do casal João Gonçalves de Mello e sua 2ª esposa Dª Rita Clara de Jesus:

I – José, batizado aos 24-09-1818 na capela de São Tiago; com 13 anos em 1832

II – Bárbara Vicência do Amor Divino batizada na capela de São Tiago aos 13-02-1820. Casou-se em 1ºs núpcias aos 07-10-1832 na capela de São Tiago com João Pedro Guimarães, n. de Carrancas. Enviuviando-se, Dª Barbara se casou em 2ºs núpcias aos 26-09-1836 na capela de São Tiago com Tomás José de Aquino.

III – Maria Rita de Jesus com 9 anos em 1832. Casou-se aos 23-11-1834 na capela de São Tiago com seu primo Joaquim José Parreira.

IV – Ana Cândida de Jesus batizada aos 03-03-1824 na capela de São Tiago. Casou-se aos 16-07-1838 na capela de São Tiago com Francisco de Paula Rodrigues de Assis, 26 anos.

V – Joaquim Gonçalves de Mello batizado aos 12-10-1824 na capela de São Tiago. Casou-se aos 14-10-1843 com Maria Rita de Jesus.

VI – Clara Maria de Jesus se casou aos 27-02-1844, aos 15 anos, com Francisco Gonçalves Lara.

VII – Maria, batizada aos 19-03-1829 na capela de São Tiago. Padinhos: Pe. José Lopes Cansado e Pe. Francisco Ferreira da Silva.

VIII – Francisco, batizado aos 13-02-1831 na capela de São Tiago.

SINAIS E PRESSÁGIOS DA MORTE

Por superstição ou "intuição", as pessoas buscam captar, pressentir a presença da morte, vista como uma indesejada, uma inimiga, representada, muitas vezes, como uma mulher horrenda, cadavérica, uma seresma com uma foice na mão, pronta para ceifar os escolhidos ou incautos. Dentre os sinais e presságios, oriundos a priori da observação da natureza, costuma-se mencionar o piar agourento de uma ave (geralmente as de hábitos noturnos, como curiango, coruja etc.); o cantar lúgubre de um galo; o uivo de cães e lobos; o aparecimento do fogo fátilo.

A origem das credices e superstições é tão antiga quanto a humanidade. O homem ancestral, não encontrando explicações para fenômenos naturais ou por medo, dava-lhes uma explicação mágica. No Brasil, trazidas pelos portugueses, aqui se mesclaram com as crenças indígenas e posteriormente com as dos escravos africanos, bem como de outros imigrantes que, ao longo dos séculos, aportaram entre nós.

Desde a Roma antiga, as aves de rapina, em especial a coruja, talvez devido aos seus hábitos noturnos, sua vocalização lúgubre, morfologia e incríveis habilidades de caça, eram tidas como agourentas, vinculadas ao desconhecido, ao azar, morte e infortúnio. Daí serem associadas na Europa, principalmente durante a Idade Média e o período da Inquisição às bruxas e magos. Na Grécia, contudo, era a coruja a companheira de Atena, deusa da sabedoria, da profecia, da clarividência, além de protetora dos artesãos. Como a noite é dada ao momento filosófico, da revelação intelectual, tornou-se a coruja associada ao saber e dessa forma, protegida pela cidadela de Atenas. Os gregos usavam-na como inspiração em seus escudos militares, em suas moedas de prata, como símbolo do arrojo e da riqueza.

Cada cultura tem, por conseguinte, sua interpretação sobre as aves de rapina. Muitas credices, em particular, oriundas de populações interioranas, afirmam que corujas anunciam a morte, trazem má sorte, quando voam sobre a casa de doentes, crocitam ou pousam nos telhados. Tribos do norte do Brasil acreditavam que elas traziam sorte e em algumas povoações amazônicas, diz-se que o murucutu, uma dessas aves, é uma alma penada, condenada a vagar pelas flo-



restas na forma de coruja, devido ao mal que fez em vida. No fundo, puro preconceito, tornando as aves perseguidas, desprezadas ou mesmo exterminadas.

Em muitas culturas e sociedades ancestrais, contudo, a morte era vista e cultuada como manifestação da natureza transformadora, um ciclo saudável, parceira fiel da vida nos passos da sagrada dança do tempo. Era ela a viajante, a portadora do destino, mulher, mãe, ceifadora, recriadora, a caminhar pelos rios, a bater à porta das casas, se aquecer nas lareiras; companheira das enchentes a descerem dos vales e das encostas, das colheitas, dos campos em pousio, nas estiagens, nas danças e festivas canções da aldeia, no ruflar dos tambores, no findar e no renascer das estações.

FOLCLORE/RELIGIÃO – FIGURAÇÃO DA MORTE

"Medo da morte, não; horror da morte. Horror por ela ser, pois que é e pelo inevitável" (Fernando Pessoa)

A morte é representada no imaginário popular e mesmo no subconsciente humano como uma megera, uma velha cadavérica, esquálida, trajando fúnebre mortalha, portando afiado podão ou foice ou ainda um punhal recurvado, assustando as pessoas com gestos histéricos e intimidadores.

Figura lendária, embuçada em fúnebre e aterrorizante veste, a se esgueirar por ruelas, à espreita de incautos e candidatos à passagem para o além, causando arrepios à sua simples menção. Reminiscência, talvez, da lenda mitológica da Parca, indicando o temor humano ante o desconhecido.

A morte torna-se algo terrífica, com sua figuração lóbrega, dada a sua missão de cortar o fio da existência humana, mormente para pessoas agarradas freneticamente a tesouros, bens efêmeros, privilégios acintosos e ainda a paixões aviltantes.

A tradição popular atribui a presença da morte a preságios ou indicadores como o uivo de cães, animais que, segundo videntes, tem grande sensibilidade, visualizando ou detectando fenômenos insólitos no campo astral, invisíveis à visão humana⁽¹⁾. Videntes referem-se, ademais, em processos de desencarne, à presença e exsudação de massa leitosa ou "neblina" à altura do abdômen, que, após extravasada, atinge – é absorvida/condensada por uma chama luminosa à altura do cérebro. Segundo esoteristas, é o momento derradeiro, em que o moribundo apresenta sinais de dispneia, "falta de ar", a conhecida sororoca (coma). A luta entre o espírito que busca libertar-se, alcando-se ao mundo etéreo e o agonizante que intenta subsistir fisicamente. Aglutinada toda a energia vital na zona cerebral (coesão atômica), o último laço de união entre espírito e corpo é, enfim, rompido, mediante o corte do cordão prateado (Ecl 12,6)⁽²⁾ por cirurgiões ou técnicos siderais, libertando-se, assim, em definitivo, o espírito do corpo carnal. Provavelmente, a correlação desse "corte" com a foice (símbolo popular da morte).

NOTAS

(1) Todas as coisas, seres, objetos acham-se impregnados de éter físico, emitindo e recebendo vibrações, radiações, modulações – harmônicas ou não – com impactos no campo de influência do comportamento humano, da psiquê e da psicosfera. As cores, por sua vez, emitem luzes, energias eletromagnéticas, que interagem em todos os níveis e dimensões do tempo-espacço. O corpo humano agrupa e emana diferentes densidades de energias num raio de 1 a 4 metros, interligadas ou repelentes entre si. Tema hoje muito atual com emprego de técnicas terapêuticas (cromoterapia, cromosofia).

Classificação das cores, segundo estudiosos: Rosa claro – indica pureza, compaixão, ternura; violeta – intuição elevada; Indigo – sensibilidade profunda; Azul – criatividade, alta capacidade de comunicação; Verde – amor pela humanidade e pela natureza, emoções e pensamentos equilibrados; Laranja – vitalidade; Vermelha – obsessividade por dinheiro, prazeres; Neutra – raiva, ódio, domínio sobre os outros; Cinza – depressão. Ver o tópico Cromosofia.

(2) Lembra-te de teu Senhor (...) "Antes que se rompa o cordão de prata, que se despedaça a lâmpada de ouro, antes que se quebre a bilha na fonte e que se fenda a roldana sobre a cisterna" (Ecl 12,6).

CROMOSOFIA – Disciplina científica que investiga o efeito das cores nas mais diversas áreas de manifestação. Todo ser emi-

te radiações ou halos energéticos proporcionais à sua densidade atômica ou evolutiva. Assim, tonalidades ou matizes específicos envolvem a aura humana (cores luminosas ou turvas) e que, segundo videntes e teosofistas, traduzem o caráter evolutivo individual, algo comumente observado nas representações de santos e pessoas virtuosas. Cores ou nuances observadas em pessoas de comportamento negativo, não condizentes com a postura superior:

- Aura com fundo azul fosco ou sujo – indica prevaricadores, falsários, pessoas que traem os votos e juramentos (religiosos, médicos etc.) ou se desviam de seus compromissos éticos e espirituais.
- Aura com nódoas nigérrimas salpicadas de vermelho-sangue – pessoas impiedosas, cruéis, belicosas.
- Aura com matizes de sangue sujo ou róseo-escuro ou cor de salmão tisnada por fuligem arroxeadas – pessoas licenciosas, sexualmente desregradas, depravadas.
- Aura verde ardósia – avarice.
- Aura com tom escarlate ou negro fumarento – raiva, cólera, irascibilidade.
- Aura amarelo-cadavérico – medo extremado.
- Aura com cores violáceas ou roxo escuro – desesperança, melancolia profunda.
- Aura com tom pardo-terroso com viscos arroxeados – cobre, cupidez, ganância incontrolável.
- Aura rosa-escuro ou nodosa ("sangue pisado") – perversidade sexual.

"Eu, o Senhor, criei tudo. Ai daquele que questiona quem o modelou, ele que é barro, barro do chão!" (Is 45, 8-9)
Nada escapá a Deus (cf. I Pd 3:12)



História com carícia

Ele não sabia o que era uma carícia. Nunca o tinham acariciado antes.

Por isso, quando Changuito roçou sua plumagem junto da lagoa – alisando-a suavemente com a mão –, o quero-quero voou. Sua alegria era tanta que ele precisava de todo o ar para esparramá-la.

– Quero! Quero! Quero! Quero! Quero! Quero! – ele se afastou piando.

Changuito o viu desaparecer, surpreso.

A tarde ficou sentada a seu lado sem entender nada.

– Hoje me acariciaram! A carícia é bonita! – continuava dizendo com seus quero-quero...

– Ei, quero-quero, venha cá! Quero saber o que é uma carícia! — gritou uma vaca ao ouvi-lo.

O quero-quero se deixou cair: um planador branco, preto e pardo, de topete gracioso, aterrizando perto da vaca...

– Isto é uma carícia... – disse-lhe o quero-quero, enquanto com a asa esquerda roçava várias vezes uma pata da vaca. – Gosto do seu couro, sabe? Não imaginava que fosse tão diferente da minha plumagem...

A vaca já não o escutava. Pasto e céu iam se misturando numa faixa verde-azul com cada passada de asa da ave. Nem sentia as moscas irritantes...

Com muitos e felizes muuu... muuu... ela se despediu então do quero-quero.

Estava andando ou flutuando?

Estava mugindo ou cantando?

Estava sonhando?

Não. Era tão certo quanto o sol do entardecer bocejando sobre o campo.

Era verdade: agora ela sabia o que era uma carícia...

Distraída, quase atropelou um tatu que descansava entre umas moitas.

— Cuidado, vaca! Não está vendo que quase pisou em mim? O que deu em você?

Está doente?

"Esse tatu não pode entender... — pensou a vaca —, ele é tão bobo...", e continuou andando ou flutuando, mugindo ou cantando...

Mas o bichinho a seguiu curioso, arrastando-se lentamente sobre as patas.

Finalmente, a chamou:

— Ch... Chhh... Não vai me dizer o que está acontecendo com você?

Suspirando, a vaca resolveu contar:

— Hoje aprendi o que é uma carícia... estou muito contente...

— Uma carícia? — repetiu o tatu, tropeçando numa raiz. —

Que gosto tem uma carícia?

A vaca mugiu divertida:

— Não, não é de comer.... Chegue mais perto que vou mostrar...

— e a vaca roçou com o rabo o pelo duro e espesso do bichinho.

Sua couraça estremeceu.

Ele também nunca tinha sido acariciado antes...

Então aquele contato tão lindo era uma carícia?

Para disfarçar a emoção, cavou rapidamente um buraco na terra e se enfiou nele.

A noite já andava pelos pastos quando o tatu resolveu sair. A vaca tinha ido embora, deixando-lhe a carícia... A quem poderia dá-la?

De repente, um porco-espíinho se espreguiçou na porta de sua toca. Era hora de sair para buscar alimento.

– Que azar o meu! — exclamou o tatu. — Encontrar justo você!

– Posso saber por que está dizendo essa bobagem? — grunhiu o porco-espíinho, zangado.

– Pois... porque estou com vontade de dar uma carícia para alguém... mas com essas trinta mil farpas que você tem no corpo... vou me espatar...

– Uma carícia? — perguntou o roedor, muito interessado. —



Acha que meus dentes têm força suficiente para mordê-la?

– Não, amigo, uma carícia não é uma madeira daquelas que você tanto aprecia... nem uma cana-de-açúcar... nem um torrãozinho de sal... Uma carícia é isto... — e, passando devagarinho sua carapaça na única parte sem espinhos da cabeça do porco-espíinho, o tatu lhe deu o presente.

Que cócega percorreu sua pele! Um grunhido de alegria se levantou na noite. Sua primeira carícia...

– Não vá embora! Não vá embora! — ainda ouviu o tatu lhe gritar, rindo. Mas ele precisava ficar sozinho... Grunhindo fez, enfiou-se na escuridão de um matagal.

A manhã o encontrou acordado, ainda sem tomar café da manhã, murmurando:

– Tenho uma carícia... Tenho uma carícia... A quem poderei dá-la? Ninguém vai aceitar... Eu tenho tantas farpas...

– Ficou louco? — disse-lhe uma perdiz.

– Bebeu demais! — afirmou uma lebre.

E as duas saíram correndo para não se espantar. O porco-espíinho se encolheu. Sua solidão de farpas o incomodava pela primeira vez...

Já era tarde quando o viu, recostado num tronco, perto da lagoa.

Changuito segurava com as pernas a vara de pescar.

Um chapéu de palha cobria-lhe os olhos.

Estava cochilando...

O porco-espíinho não pensou duas vezes e lá foi ele, levando-lhe sua carícia.

Por um momento, apertou o focinho contra o joelho de Changuito, e depois fugiu – tremendo – para o oco de uma árvore.

O menino nem se mexeu, mas viu tudo por um buraquinho do chapéu.

– O porco-espíinho me acariciou! — disse baixinho, olhando de soslaio seu joelho curtido.

– Ninguém vai acreditar — e seu assobio de alegria ricocheteou na lagoa.

“Chango está cochilando?

Sorrindo?

Pescando ou assobiando?”, perguntou a tarde.

E continuou sentada a seu lado, sem entender nada.

Elsa Bornemann

Um elefante ocupa muito espaço e outros contos
São Paulo (SP), Martins Fontes, 2001



QUEM NASCEU PRIMEIRO, O OVO OU A GALINHA? ESTUDO REVELA A RESPOSTA.

Desde tempos imemoriais, uma pergunta persiste: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Essa questão intrigante tem gerado debates ao longo dos séculos. No entanto, cientistas estão cada vez mais próximos de solucionar esse mistério. Ficou curioso? Acompanhe os detalhes na matéria a seguir.

A teoria predominante até agora sugere que o ovo veio antes da galinha. Isso se deve ao fato de que as aves, incluindo a galinha, são descendentes diretas dos dinossauros, que já botavam ovos há 340 milhões de anos. Já as galinhas, como as conhecemos, surgiram cerca de 50 milhões de anos atrás.

Entretanto, um artigo recente da revista *Nature* levanta uma hipótese que pode desafiar essa ideia: talvez a galinha tenha surgido antes do ovo. De acordo com novas descobertas, alguns dos primeiros ancestrais das aves e répteis possivelmente não colocavam ovos, mas sim davam à luz filhotes vivos.

Estudos recentes indicam que tanto os crocodilos quanto as aves, como as conhecemos hoje, podem ter evoluído de ancestrais vivíparos — ou seja, organismos cujos embriões se desenvolvem dentro do corpo da mãe. Michael Benton, professor da Universidade de Bristol e um dos líderes dessa pesquisa, explicou à *Nature*:

“A análise evolutiva sugere que a retenção prolongada de embriões e a viviparidade emergiram conforme os tetrápodes (vertebrados terrestres) conquistaram completamente o ambiente terrestre. Essa proteção paren-

tal conferiu uma vantagem evolutiva em relação à postura de ovos dos primeiros tetrápodes.”

Assim, existe a possibilidade de que as galinhas sejam descendentes de criaturas que davam à luz filhotes vivos, e não botavam ovos.

O PAPEL DOS OVOS NA EVOLUÇÃO

Os ovos, com cascas duras, teriam surgido mais tarde, como parte do processo evolutivo dos amniotas, animais cujos embriões são envolvidos por uma membrana amniótica. A casca rígida seria uma adaptação evolutiva para proteger melhor os embriões.

Por outro lado, uma teoria proposta em 2010 defende que a casca dura da galinha só pode ser formada devido a uma proteína exclusiva dessa espécie, o que sugeriria que, de fato, a galinha teria vindo antes do ovo.

CONCLUSÃO

Embora a questão “ovo ou galinha” ainda seja motivo de debate, a ciência continua a oferecer pistas que aproximam a resposta definitiva. Seja qual for o veredito, uma coisa é certa: a evolução das aves e dos répteis é uma das histórias mais fascinantes da biologia.

Colaboração: Dr. Tarcísio Oliveira



SICOOB CREDIVERTENTES OBTÉM CERTIFICADO INTERNACIONAL

O SICOOB CREDIVERTENTES, a primeira cooperativa de crédito da região, obteve a certificação GPTW de reputação internacional, destacando-se como empresa com gestão de pessoas, humanizada de bem estar e qualidade corporativa essenciais para a inclusão, diversidade, ESG e resultados internos e externos.

Uma empresa que exerce a cultura da alta confiança e da ética, desempenho, inovação, com vínculos de lealdade, respeito, engajamento, pertencimento das pessoas na qual se tem orgulho de trabalhar, compartilhar e realizar negócios.

A certificação GPTW configura, ademais, o papel da liderança na construção de uma cultura institucional forte, qualificada onde a confiança nas equipes estimula a inovação, co-

laboração, eficiência, rentabilidade.

O cooperativismo, pelo seu caráter humanista, fraterno, valoriza sumamente sua maior riqueza: as pessoas e estas sempre em primeiro lugar, as quais o movimento cooperativista busca apoiar, capacitar, valorizar.

São as pessoas que fortalecem o movimento cooperativista, inovando, produzindo, se mobilizando, exercendo ativa e altivamente a cidadania e sempre surpreendendo!

A busca por uma sociedade com alto grau de consciência ética, com prevalência da justiça, inclusão, democracia, sustentabilidade.

Parabéns ao **SICOOB CREDIVERTENTES**, seus quadros diretivo, funcional e social!

ASSOCIAÇÃO/NÚCLEO DE PAIS DE AUTISTAS

Ante o crescente número de crianças e jovens com transtornos de espectro autista, fato que vem surpreendendo os especialistas, é recomendável a criação de núcleo de pais e profissionais (centro de atendimento multidisciplinar) e profissionais que permita conhecer melhor o comportamento dos autistas, oferecendo suporte a família e as pessoas afetadas.

A Associação ou Núcleo, dada sua especialidade pode fornecer apoio e recursos técnicos, pedagógicos e clínicos adequados, melhorar a condição e qualidade de vida e promover sua integração plena na sociedade,

alem de orientação e apoio às famílias e comunidade em geral.

Inúmeras cidades da região e estado contam com tão destacada iniciativa com apoio de governos estadual e municipal e que envolvem parcerias com instituições congêneres locais.

O atendimento ao autista tem características específicas e de alta qualificação, envolvendo habilidades comunicativas, cognitivas, motoras, estimulação, psicomotricidade, integração sensorial, serviços de psicologia, medicina, pedagogia, serviço social, etc.

GRANDES VIAJANTES DA ANTIGUIDADE

As controvérsias de Marco Polo, 700 anos após sua morte em 09/01/1324.



Marco Polo viveu 17 anos na China e se tornou uma figura importante no Império Mongol liderado por Kublai Khan. Foto: CPA Media Co. Ltd/epic alliance

Tente se colocar no lugar de um jovem de 17 anos que jamais saiu de sua cidade. Seu pai e seu tio, dois mercadores que estiveram ausentes toda a sua vida, voltam para casa antes de partir em sua próxima viagem. Mas desta vez você vai junto.

A jornada cobre 24 mil quilômetros e dura 24 anos. Você verá coisas que jamais poderia imaginar e será catapultado aos escalões mais altos de um poderoso império. Ao fim, se tornará um dos viajantes mais famosos da história ocidental.



Jornada de Marco Polo até o Império Mongol cobriu 24 mil quilômetros e durou 24 anos. Foto: Alamy Images/epic alliance

Aquilo que poderia ser o roteiro de um filme de Hollywood é nada menos do que a biografia de Marco Polo.

Nascido em Veneza, em 1254, Marco Polo viajou entre 1271 e 1295 pela Rota da Seda, uma via comercial medieval que conectava a Europa à Ásia, passando 17 anos na China e se tornando uma figura conhecida no florescente Império Mongol sob a liderança de Kublai Khan.

Após retornar à Itália, Marco Polo colaborou com o escritor Rustichello da Pisa para relatar as crônicas de sua viagem. O livro resultante desses relatos, *Il Milione* (O milhão) – *As viagens de Marco Polo no Brasil* –, se tornou um best-seller da era medieval. A obra foi traduzida para numerosos idiomas e lida por todos os que sabiam ler, de príncipes a sacerdotes. Diz-se que o navegador Cristóvão Colombo carregava sempre uma cópia consigo.

RELATO QUE CHOCOU A EUROPA

Marco Polo estava longe de ser o primeiro viajante europeu à China medieval, muito menos o primeiro a documentar a viagem. Segundo Hyunhee Park, professora de história na Universidade de Nova York, viajantes muçulmanos documentavam suas viagens por terra e mar à região já nos séculos 9 e 10.



Após retornar à Itália, Polo colaborou com o escritor Rustichello da Pisa para contar as crônicas de sua viagem.

Foto: CPA Media/epic alliance

Mas, em uma época em que a Europa era fechada e voltada para si própria, Marco Polo se tornou o primeiro europeu a trazer informações sobre a China para a consciência popular. Seus relatos, no entanto, não atingiram as expectativas dos europeus.

Ele descreveu o Império Mongol como uma civilização grandiosa, com cidades gigantescas. "Muitos europeus ficaram chocados: Ele foi até acusado de ser mentiroso", comenta Park.

As descrições de Marco Polo fugiam das convenções usadas por outros ocidentais que traziam relatos sobre terras não europeias, explica Margaret Kim, professora de idiomas estrangeiros e literatura da Universidade Nacional Tsing Hua, em Taiwan.

"Antes e depois de Marco Polo, escritores viajantes europeus, ao descrever lugares e povos estrangeiros, queriam ensinar lições de moral e doutrinas religiosas. Está implícito no que escreviam. Polo não tinha esse senso de doutrinação religiosa. Suas descrições, a princípio, parecem interessadas em



Nascido em Veneza, em 1254, Marco Polo viajou entre 1271 e 1295, passando 17 anos na China.

Foto: Eliezer Lamm/epic alliance

paisagens e costumes de partes diferentes do mundo. Ele era um homem bastante secular."

O "OLHAR IMPERIAL"

A visão de Marco Polo o diferencia dos futuros relatos de outros viajantes europeus, que eram amplamente movidos pelo desejo de conquista e pela perspectiva de uma suposta superioridade civilizacional.

"Polo se impressionava com a fortuna e poder dos soberanos mongóis numa época em que o Oriente era famoso por suas riquezas e prosperidade em comparação com a Europa medieval. Dessa forma, sua atitude era bem diferente dos exploradores europeus e militantes colonialistas que vieram mais tarde.", afirma Zhang Longxi, professor da Academia Yenching da Universidade de Pequim. Ele observa que futuros relatos sobre a China descreveriam a região como retrógrada ou estagnada, muito distante da grandiosidade europeia.

Na China, Marco Polo se tornou uma figura respeitada na corte de Kublai Khan. Embora sua posição na corte seja tema de debate, há um amplo consenso de que ele era um servi-



Marco Polo se tornou figura conhecida no florescente Império Mongol sob a liderança de Kublai Khan

Foto: akg-images/picture-alliance

dor público proeminente, com responsabilidades diplomáticas. Assim sendo, via o Império Mongol não como um estranho, mas como alguém de dentro.

“Ele deixou Veneza como adolescente e viveu a maior parte dos anos formativos de sua vida na Ásia. Foi lá que desenvolveu seu modo de pensar a respeito do mundo, que não pode ser caracterizado como puramente ocidental”, explica Kim.

“No entanto, ele tinha o que eu chamaria de um ‘olhar imperial’: ele via o mundo dividido entre os povos mais ou menos civilizados. Por isso, no mundo de Marco Polo, ou se era bastante civilizado, parcialmente civilizado, ou selvagem.” Para



Kublai Khan, neto de Genghis Khan, estabeleceu a dinastia mongol Yuan na China

Foto: DPA/News Co./Lipiphot/alliance

ele, diz Kim, o grande centro da civilização não era aquele que os europeus esperavam, mas sim, o Império Mongol de Kublai Khan.

RELATOS CONTROVERSES

Como fonte de informação histórica, Marco Polo também teve sua parcela de controvérsias, muitas delas surgidas das complexidades em torno da criação de seu livro.

Não há um manuscrito definitivo, ao contrário, existem em torno de 140 versões diferentes. O papel do coautor Rusti-

chello da Pisa na produção do livro e sua possível influência sobre o conteúdo geram uma camada de incerteza, analisada de maneiras diferentes pelos historiadores.

Kim considera o explorador como autor do livro, responsável por seu conteúdo e estilo, e acredita que Rustichello teve supervisão na elaboração das cópias e sua divulgação.

Para Zhang, por outro lado, Marco Polo teria sido a fonte das informações, com Rustichello formatando o conteúdo do livro. “Rustichello, autor de romances, chegou a reescrever as histórias de Marco, provavelmente acrescentando cores e detalhes que eram atraentes para os leitores medievais.”

Em comparação com outros diários de viagens literários do período, contudo, *As viagens de Marco Polo* demonstram definitivamente alguma restrição no emprego de traços imaginários frisa o professor de Pequim.

A omissão de informações esperadas a respeito da China e uma suposta falta de fontes que pudessem corroborar os re-

comptevons d'autres d'èles.



Muitas das controvérsias em torno de Marco Polo também se devem às complexidades no histórico de seu livro

Foto: akg-images/picture-alliance

latos levaram alguns historiadores, como a renomada sinóloga Frances Wood, a questionar a autenticidade das observações de Marco Polo.

Contudo, muitos historiadores até hoje tendem a concordar que as observações de Marco Polo são tão originais e específicas, que não teriam como ter sido inventadas ou baseadas em relatos de segunda mão. Isso, apesar de Polo e Rustichello terem deixado claro no prólogo de seu livro que haviam incluído observações de terceiros em seu diário de viagem.

Acadêmicos como Park também registram evidências corroboradas nas observações de Polo, inclusive em documentos de fontes chinesas e islâmicas, como os escritos de Batutta, o célebre explorador norte-africano do século 14.

UMA VISÃO PARA OS DIAS ATUAIS

Marco Polo morreu em sua cidade natal, em 9 de janeiro de 1324. Passados 700 anos, ele continua extremamente popular, mesmo entre os não acadêmicos: uma popular brincadeira de piscina nos Estados Unidos, uma marca de roupas de alto padrão, incontáveis agências de viagens e vários outros negócios utilizam seu nome. Sua relevância, no entanto, vai além do seu poder de marca.

Para Kim, Marco Polo mostrou que “o mundo contém coisas além da maneira como o imaginamos, que podem inquietar e incomodar, mas a que podemos nos adaptar. Assim, o ‘olhar imperial’ não é propriedade de nenhuma cultura ou civilização e, certamente, também não é propriedade única do Ocidente.”

Na visão de Zhang, sua história incentiva a lembrar, em tempos de forte tensão entre grande parte do Ocidente com a China, que as relações culturais não antagônicas são possíveis.

“Marco Polo oferece um modelo alternativo de encontros entre o Oriente e o Ocidente e inter-relações que são extremamente valiosas para nós, no mundo de hoje. É um modelo de compreensão mútua e cooperação, ao invés de rivalidade e conflito.”



Ilustração de edição francesa do livro de Marco Polo com elementos fantásticos

Foto: DPA/News Co./Lipiphot/alliance

A JOVEM GENTIL E A JOVEM DE CORAÇÃO DURO

Uma viúva tinha duas filhas, uma bela e trabalhadora, e a outra feia e preguiçosa. Ela favorecia a segunda, que era sua filha legítima, e atribuía todas as tarefas domésticas à primeira, sua enteada. Esta tinha de ir todos os dias fiar na borda do poço. Ela fiava tanto que os seus dedos sangravam. Um dia em que se inclinava para lavar na água a roca manchada de sangue, ela a deixou cair no poço. Furiosa, sua madrasta a obriga a procurar a roca e a menina tem de mergulhar no poço...

Ao cair, ela desmaia, mas, ao despertar, encontra-se numa pradaria ensolarada e cheia de flores. Ela se põe a andar. Passando por um forno, ouve os pães cozidos no ponto suplicarem que alguém os retire dali. Ela faz isso e segue caminho. Depois, ouve maçãs maduras implorarem para que alguém sacuda a macieira. Ela as derruba a empilha.

A jovem chega depois a uma casinha em que habitava uma anciã de dentes compridos. Assustada, ela tenta se esconder, mas a mulher, que se chamava Dame Holle, a acalma e lhe oferece um emprego. Ela deve manter a casa em ordem, fazer a cama e, sobretudo, sacudir a coberta, porque, quando escapam plumas desta, neva no mundo. A menina aceita e se desincumbe perfeitamente de suas tarefas.

Dame Holle é muito gentil e a alimenta bem. Contudo, invadida aos poucos pela saudade de casa, a jovem pede para ir embora, reconhecendo, no entanto, que era melhor tra-



tada na casa de Dame Holle. Esta aceita e a conduz a um grande portal. No momento em que a menina vai crusá-lo, cai sobre ela uma chuva de ouro, a recompensa de Dame Holle, que, além disso, lhe devolve a roca.

Coberta de ouro, ela volta para casa, e o galo canta:

- A senhorita de ouro voltou!
A jovem é bem recebida.

Ouvindo a narração de sua enteada, a viúva deseja que os mesmos favores sejam concedidos à sua filha. Com esse intento, ela a envia com uma roca para a borda do poço. A preguiçosa pica a mão nos espinhos para sujar a lã e, tendo lançado a roca no poço, mergulha nele. Chegando à pradaria, vai diretamente à casa de Dame Holle, sem atender às súplicas dos pães e das maçãs, por não querer se sujar no forno nem receber uma maçã na cabeça.

Ela oferece seus serviços a Dame Holle. No primeiro dia, trabalha com afínco. Mas, a partir do terceiro, já não quer fazer nada. Dame Holle se cansa e a despede. Chegando ao portal, a preguiçosa espera uma chuva de ouro, mas o que cai sobre ela é pez.

Vendo-a voltar toda coberta de pez, o galo canta:

- A menina suja voltou!
A pez cola na pele a tal ponto que nunca pode ser tirada.

Antiga lenda do oriente.

Precisamos falar sobre o acidente, sobre acolhida, sobre esperança e Cooperação

São Tiago é conhecida nacionalmente por sua hospitalidade. Afinal, na cidade com pouco mais de 10 mil habitantes **acolher** é mais que um verbo – é um dom. E ele foi ressignificado em 13 de Outubro, quando estudantes de nosso município foram vítimas de um grave acidente na BR-418, perto de Carlos Chagas no norte de Minas.

No noticiário, **falava-se** em “58 meninos e meninas que viajavam para comemorar a formatura do Ensino Médio”. Mas para nós foi diferente. Aqui, **sentimos** por nossos filhos, netos, primos, amigos, vizinhos, alunos.

Naquele dia, então, a acolhida se transformou em empatia ainda mais urgente; em orações coletivas com ainda mais fervor; em atitudes de acalento, apoio e socorro para absolutamente todos os **impactados**. Sim, “impactados” porque num acidente como aquele há mais feridos do que os boletins médicos informam. Há, sabemos, pessoas que mesmo muito longe daquele asfalto também se machucaram, também choraram, também lamentaram e ainda sofrem enquanto aguardam a recuperação de quem mais amam entre cirurgias, curativos, tratamentos e a expectativa de dias melhores.

Na Segunda-Feira pós-acidente São Tiago mergulhou em silêncio e consternação. Hoje, aos poucos, os sons da cidade parecem retornar. E um dos mais audíveis é o da gratidão. De um lado, por receber nossos meninos e meninas com vida. De outro, por reconhecer e enaltecer o apoio recebido por Comunidades, lideranças e cidadãos-irmãos.

A população de Carlos Chagas, por exemplo, empregou apoio e solidariedade tanto aos jovens acidentados quanto a suas famílias. Um alento personificado em representantes do Poder Público, da Sociedade Civil, de Deputados, de instituições. Em lares e moradores de bom coração.

Registraramos, assim, imorredoura gratidão à Prefeitura local; a entidades como Associação Comercial, Sindicato Rural, Maçonaria. Em especial, agradecemos ao Sr. Valdei Costa Barbosa (Índio), presidente do Sicoob de Carlos Chagas que esteve à frente das equipes de apoio e nos encaminhou esclarecimentos sobre atuação e situação in loco.

Somos todos doravante convocados a manter total suporte aos membros de nossa Comunidade.

MISTÉRIO DO HOMEM QUE VOLTOU PARA CASA APÓS 30 ANOS COM A MESMA ROUPA COM QUE DESAPARECERA CONTINUA SEM EXPLICAÇÃO

Numa manhã em 1991, Vasile Gorgos, então com 63 anos, saiu de casa para fazer o que sempre fazia: fechar mais uma venda de gado. Saiu de casa, em Bacau (Romênia), com uma camisa quadriculada e calça comprida escura, dizendo: "Voltarei para jantar".

Na estação, como de costume, ele comprou um bilhete de trem para Ploiești. Tudo seguia à risca o que ele costumava a fazer havia anos. Mas não foi o que aconteceu.

À noite, a família começou a se preocupar. Vasile não retornou. Semanas depois, nenhum sinal do fazendeiro. A casa foi tomada por um silêncio devastador, só cortado com a visita de parentes e amigos para prestar solidariedade.

Os esforços para localizar o paradeiro de Vasile foram em vão. Pistas surgiam e sumiam com a mesma velocidade.

Porém, misteriosamente, 30 anos depois, em 29 de agosto de 2021, o romeno voltou para casa. Incrivelmente, com a mesma roupa com a qual sumira e com o bilhete do trem em um dos bolsos do casaco.

Um carro parou diante da casa do fazendeiro, e Vasile saltou. Antes que alguém pudesse perguntar qualquer coisa, o motorista arrancou, deixando uma nuvem de poeira, o que impossibilitou que alguém anotasse a placa e o tipo do veículo.

Familiares ficaram chocados com a aquela figura de volta diante deles, como se o tempo não tivesse passado.

"Onde você esteve todo esse tempo?", perguntou a filha, de acordo com reportagem da România TV News.

"Em casa. Sempre estive em casa", rebateu o idoso, de 93 anos.

Mesmo após três décadas de desaparecimento, para Vasile parecia que haviam se passado apenas algumas horas.

A alegria pelo retorno se misturou com inquietação. O que teria acontecido com Vasile nesses 30 anos?

"Você está bem, papai?", indagou a filha.

"Sim, estou bem. Só um pouco cansado", respondeu ele.

Apesar da fragilidade da idade, o corpo do fazendeiro não mostrava qualquer sinal de abuso ou desnutrição, rejeitando a teoria de que pudesse ter estado em cativeiro. Sua saúde era compatível com a idade.

Os dias se passaram, e Vasile continuava sem memória dos últimos 30 anos. A história chamou bastante atenção da imprensa e era assunto constante entre moradores de Bacau e de cidades vizinhas. Algumas teorias surgiram:

- Vasile decidiu, de um dia para o outro, deixar a vida



que tinha para trás. Encontrou um lugar para recomeçar onde ninguém o conhecia e não regressou à família original. Criou novos laços familiares até que um dia acabou "despejado". Mas por que retornara com a mesma roupa e com o bilhete de trem daquele fatídico dia de 1991?

• O fazendeiro foi vítima de sequestro. Mas como explicar a ausência de sinais de maus-tratos? Talvez tivesse, de alguma forma, sido "integrado" ao lar dos sequestradores, teorizaram alguns. Com a memória de Vasile debilitada, os captores se sentiram seguros para "devolver" o idoso.

• Vasile foi alvo de algum tipo de experiência científica. Num país em que muitos desapareceram durante o regime brutal de Ceaușescu, histórias de programas secretos do governo eram recorrentes entre a população, especialmente fora da capital, Bucareste.

• O desaparecimento de Vasile estava ligado aos mistérios do bosque Hoia Baciu, situado nas proximidades de Cluj-Napoca, na Transilvânia. A região, famosa por abrigar fenômenos aparentemente inexplicáveis, ficou conhecida como o "Triângulo das Bermudas da Transilvânia". A localidade teria sido cenário de muitos desaparecimentos, avisamentos de óvnis e eventos paranormais. Comentava-se

que algumas pessoas que entravam na mata experimentavam uma sensação de congelamento do tempo, saindo com a sensação de que haviam passado alguns minutos no bosque quando, na verdade, tinham estado lá por horas, dias ou mais tempo. Alguns moradores disseram ter visto "luzes estranhas" no céu na noite em que Vasile retornou para casa.



OS PASSINHOS DE SÃO TIAGO

Passos da Paixão de Cristo ou simplesmente Passinhos são pequenas capelas encontradas em muitas cidades do circuito histórico mineiro e também na região do Campo das Vertentes, São Tiago incluída, obviamente. Com pompa, arquitetura de época e riqueza barroca nas cidades históricas mais importantes ou na simplicidade de estilo nos outros cantos elas são ornamentadas com estatuária, pinturas e motivos que representam cenas dos últimos dias de Cristo.

Estas pequenas capelas ou oratórios são uma sinalização de religiosidade católica além das próprias igrejas. Podiam ser estruturas independentes, mas muitas vezes eram contíguas, incrustadas ou dividiam parede e meia com casas e outras construções. É um patrimônio mal conservado, dilapidado e provavelmente saqueado. Era comum as cidades principais apresentarem 5 ou 6 passinhos e agora, no rescaldo da destruição pelo tempo, somente 1 ou 2.

Os portugueses trouxeram esta tradição medieval da Europa para o Brasil Colônia. Gostariam de continuar celebrando as passagens da vida de Cristo distante de sua terra natal e da Terra Santa. A sua difusão deve-se muito à atividade e influência das Irmandades Religiosas, que muitas vezes eram sua construtora e proprietária.

Não se devem confundir a Via Sacra, ou Via Crucis, com Passos da Paixão. A Via Sacra é dividida em 14 estações (sem contar a Ressurreição), e reflete a caminhada de Jesus até o Calvário, seu martírio e morte. Os Passos da Paixão são contados em 17 cenas, normalmente resumidos em 7, abrangendo desde o instante em que entra montado em um burro em Jerusalém até a Ressurreição. Relatam, por exemplo, o lava-pés, a última ceia, a prisão, a coroação com espinhos, a caminhada para a crucificação, o encontro com Maria, descida da cruz e a ressurreição e etc. De certa forma os Passos da Paixão são mais amplos e englobam a Via Crucis.

Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, considerado o maior artista do Brasil, dedicou três anos de sua vida para compor 66 esculturas em cedro com a temática dos Passos da Paixão, distribuídas em seis passinhos esparramados pela cidade de Congonhas.

São Tiago já possuiu, até alguma evidência em contrário, cinco Passinhos da Paixão de Cristo.

Primeiro: localizado na Praça da Matriz, de frente para a lateral direita da nave da igreja, entre as casas do ex-prefeito Aristeu e da Antônia da Alcemira. Pode-se dizer que é bem conservado em sua estrutura e seu



Passinho do Largo da Matriz – Fonte: arquivo pessoal



Passinho da Rua Viegas – Fonte: arquivo pessoal



Passinho da Rua Padre José Duque de Siqueira
Fonte: Facebook / Memórias de São Tiago

conteúdo, provavelmente por estar em um ponto nobre e muito visível da cidade, e também por ter sido tombado como patrimônio histórico do município pelo Decreto 1376 de março de 2006. Teve a sorte e o destino que seus companheiros não encontraram. Fica aberto bem mais do que somente na Semana Santa.

Segundo: localizado à Rua Viegas, logo após o prédio da Sede Social Santiaguense. A construção do Salão de baile da Banda Magnatas do

Som, a famosa Peida, envolveu e incorporou o Passinho de uma forma bizarra, bem ao estilo Frankenstein, conservando, pelo menos e felizmente, somente sua porta e batentes originais. O cômodo ainda existe vazio e somente recebe o material religioso nas datas de procissão.

Terceiro: localizado na esquina de Rua Padre José Duque de Siqueira e Rua Otávio Leal Pacheco, no Cruzeiro, de frente à antiga Caixa D'água. Ficava no mesmo terreno da casa do Sr. José Raul dos Santos. A estrutura ruiu e para substitui-la era improvisado um altar na frente da Igreja de São Sebastião, o que não mais acontece.

Quarto: localizado à Rua José Duque de Siqueira, antiga Rua Dom Viçoso, um pouco acima da casa do Sr. Morel, onde hoje mora o Sr. João do Janjão. Como o Passinho estava quase caindo e sem perspectiva de reforma o Sr. João propôs à Paróquia a sua compra, de papel passado e nos conformes segundo a sua exigência, no que foi atendido.

Quinto e último: ficava localizado quase em frente à casa do Sr. Vicente Mendes, onde agora fica a entrada de automóveis. Foi demolido e durante um período era montado um Passinho temporário em madeira para manter a tradição

nas procissões. Fato que não mais se repete.

Os passinhos são edificações religiosas interessantes, sendo que nenhum ritual é realizado no seu interior. Em tese eles deveriam ser abertos somente na Semana Santa, quando cumpririam seu propósito primordial no ápice de sua importância durante a procissão do Enterro ou dos Passos, nas

paradas do cortejo, o canto das Verônicas com o véu e os responsórios. Mas, felizmente as regras não são tão rígidas e em uma data sem significado especial é possível ver um pedestre andando nas proximidades do Passinho do Largo, parar ao encontrá-lo aberto, fazer uma discreta genuflexão e um sinal da cruz. Seria esse, talvez, um propósito acessório mais espontâneo e cativante que o original em seu rito programado!

Fabio Antônio Caputo

A espiritualidade na imposição do Chapéu de São Tiago Maior

Foto: João Bosco Santana

As pessoas do interior, adeptas do catolicismo, sabem por meio de seus antecessores e das normas da Igreja que é importante participar das celebrações com um vestuário adequado, evitando o uso de bonés, chapéus e trajes curtos dentro do templo. Antigamente, as mulheres usavam véu para cobrir o cabelo como sinal de respeito e piedade na Igreja. Retirar o chapéu antes de entrar no espaço sagrado, além de ser uma tradição cultural, é um gesto de respeito e reverência.

No passado, havia uma época em que as mulheres, especialmente as noivas, podiam usar chapéus durante o casamento. No entanto, com o passar do tempo, esse costume foi gradualmente abandonado. Por exemplo, o bispo usa um acessório chamado solidéu, que faz parte do vestuário litúrgico e também é utilizado por padres, cardeais e abades. O solidéu foi desenvolvido para cobrir a parte de trás da cabeça, que era raspada quando um homem ingressava no estado clerical. Durante a celebração, a mitra (insígnia pontifical que cobre a cabeça) e o solidéu são retirados e recolocados em certos momentos do ritual para garantir que a cabeça não fique coberta na presença do Santíssimo Sacramento.

Há também tradições em que romeiros usam chapéus para se proteger do calor durante as longas caminhadas e acabam entrando no templo com eles. Essa prática é comum em algumas celebrações, como as do Bom Jesus da Lapa. Nos altares das igrejas, há várias representações de santos e santas. No entanto, são poucos os que aparecem com chapéu, barrete, solidéu ou qualquer outro adorno que cubra a cabeça. Entre eles, um dos mais conhecidos pelos peregrinos é São Tiago Maior, um dos doze apóstolos de Cristo, frequentemente representado trajando uma capa e um chapéu, com um cajado e um livro sagrado nas mãos. O chapéu provavelmente servia para protegê-lo do calor da região da Galícia, na Espanha, onde pregava o evangelho. Após retornar a Jerusalém, foi decapitado no ano 42 d.C., e seu corpo foi posteriormente levado de volta para a Galícia. Assim, São Tiago passou a ser venerado nos altares por seu testemunho de fé. Hoje, o Caminho de Santiago de Compostela é muito visitado, atraindo diversos caminhantes que passam por lá, tanto a passeio quanto com objetivos pessoais variados.

Em São Tiago, na década de 1990, houve um ressurgimento mais intenso da tradição de imposição do chapéu durante a festa do dia 25 de julho. Após as principais celebrações em homenagem ao padroeiro, o chapéu da imagem é retirado e, em meio a uma corrida e longa fila, é colocado na cabeça dos fiéis e visitantes. Esse momento, carregado de fé e elevação espiritual, é repleto de significados. Aqueles que participam expressam profunda emoção e gratidão. Há relatos de milagres, curas e graças atribuídos a pessoas de fé, tanto católicas quanto de diferentes filosofias e credos. Existem testemunhos de ex-votos que, embora não amplamente divulgados, incluem desde a melhoria de dores de cabeça até a cura de doenças físicas, mentais e espirituais. Para mui-



tos, essa prática é sagrada, representando um momento de prece, agradecimento, louvor e renovação, oferecendo um sentido especial ao ato de estar presente, com o coração esperançoso para participar da festa no ano seguinte.

O ritual de colocar o chapéu de São Tiago Maior é muito aguardado pela comunidade e pelos visitantes durante o mês de julho. Este momento faz parte do projeto "Igreja de Portas Abertas" e está integrado à programação da Festa do Café com Biscoito, atraindo aqueles que desejam conhecer a Igreja Matriz e vivenciar essa experiência. Durante as festividades, a Praça Central fica repleta de pessoas aproveitando os shows, atividades e visitando as barracas de biscoitos, artesanatos e produtos da agroindústria. A porta lateral da Igreja Matriz permanece aberta, per-

mitindo que os visitantes conheçam sua história, façam suas orações e coloquem o chapéu no padroeiro.

Na região existe o Caminho de São Tiago, um dos roteiros turísticos de Minas Gerais, que abrange três circuitos: o Circuito do Ouro, o Circuito Villas e Fazendas de Minas e o Circuito Trilhas dos Inconfidentes. O trajeto parte de Santa Rita de Ouro Preto e passa por mais onze cidades, podendo ser percorrido a pé, a cavalo, de bicicleta, moto ou automóvel, por vias sinalizadas. Inspirado nos Caminhos de Santiago de Compostela, na Espanha, esse caminho oferece aos caminhoneiros e viajantes a oportunidade de apreciar paisagens, serras, rios e cachoeiras. Além disso, é possível desfrutar da culinária tradicional de cada paragem, apreciar e adquirir artesanato e aprender sobre a história das localidades. Ao final do percurso em São Tiago, os visitantes podem explorar pontos turísticos, saborear um delicioso café com biscoitos, visitar a igreja e colocar o chapéu de São Tiago, previamente agendado com a equipe da agência de turismo local.

São Tiago permanece como um símbolo de hospitalidade, acolhimento e trabalho. Sob a proteção benevolente do chapéu de seu Padroeiro, há sempre espaço para acolher mais um. Ele "tira o chapéu" em sinal de respeito aos moradores, visitantes e àqueles que vêm para residir e contribuir com o progresso da cidade, promovendo união, amizade, paz, progresso e partilha.

Marcus Santiago
Membro do
IHGST/ALSJDR



BRASIL – O PAÍS DAS FRAUDES

RELEMBRE O CASO AVESTRUZ MASTER, O MAIOR ESQUEMA DE PIRÂMIDE FINANCEIRA DA HISTÓRIA DO PAÍS

Um dos maiores escândalos de fraude financeira, que deixou um prejuízo de mais de R\$ 1 bilhão



Quem é que não se lembra de uma das maiores fraudes financeiras ocorridas no Brasil, que atingiu diretamente investidores goianos? No início dos anos 2000, a Avestruz Master fornecia contratos de venda e compra de avestruzes com a honra de recompra dos animais em esquema de pirâmide financeira.

Para se ter uma ideia, entre 2003 e 2005 de atividade, nenhuma ave chegou a ser abatida. E na teoria, a organização teria comercializado mais de 600 mil animais. Mas na realidade, só possuía 38 mil. O grupo tinha 50 mil investidores no Brasil, 30.000 deles eram do estado de Goiás. O prejuízo foi superior a R \$1 bilhão.

Para completar todo o teatro, em 2004, foram gastos 4 milhões de reais em publicidade para aumentar a base da pirâmide, e com somente 100 mil reais em ração para as avestruzes.

O esquema bilionário foi descoberto em 2005, a empresa faliu e um de seus sócios fugiu para o Paraguai. Em 2010, a Justiça Federal condenou os dois filhos e o genro do dono da Avestruz Master a penas de 12 a 13 anos de prisão, além de serem obrigados a indenizar os investidores em 100 milhões de reais.



Para entender bem, a pirâmide financeira é um modelo comercial previsivelmente não sustentável que depende basicamente do recrutamento progressivo de outras pessoas cobrando uma taxa de entrada para a manutenção do modelo, a níveis insustentáveis.

Funciona mais ou menos assim: Eu sou o criador do esquema, portanto eu estou no primeiro nível. Logo, eu convido 10 pessoas para investir nesse produto financeiro, essas estão no segundo nível. O esquema já possui R \$100 mil em capital (R \$10 mil X 10 pessoas). A partir disso eu encorajo os entrantes do segundo nível a recrutar mais 10 pessoas prometendo participação maior nos lucros. Com isso, o terceiro nível já possui 100 pessoas, e o patrimônio total já salta para R \$1,1 milhão.

O ponto que queremos tocar é: Por que as pessoas são ludibriadas por esse esquema? Os pontos englobam a falta de educação financeira, inocência, entre outros. E o uso de palavras-chave atraente como alta rentabilidade, baixo risco, ganho expressivo, retorno certo, lucro exorbitante o pilantra tenta ganhar a atenção da vítima.

Foi a combinação desses fatores que prometia retorno acima de 10% ao mês, mais do que qualquer investimento tradicional. Além de vários amigos aderindo à novidade e dizendo multiplicar seu dinheiro em pouco tempo, que levou a médica Ana a cair nesse esquema.

No começo dos anos 2000, a médica viu grande parte do seu círculo de amigos, em Goiânia, investindo na empresa Avestruz Master. Não se falava de outra coisa na cidade: o avestruz entrou na moda. Sua carne era servida nos melhores restaurantes, seu couro era usa-

do em bolsas comercializadas nas mais finas boutiques. Parecia o negócio do século.

De uma amiga, Ana ouviu que sua aplicação de R \$15 mil havia dobrado em pouco tempo. Outra tinha acabado de vender um apartamento de R \$200 mil para poder investir nas aves. Ana, então, aderiu à moda e resolveu investir R \$15 mil no negócio, mesmo sem pesquisar muito sobre ele.

Em 2005, o juiz Carlos Magno Rocha da Silva, da 11ª Vara Cível de Goiânia, decretou a falência do grupo Avestruz Master, que era composto por 10 empresas. Poucos meses depois de Ana realizar a aplicação. A médica não chegou a ver os lucros. Também não recebeu seu dinheiro de volta até hoje, relatou ela ao Blog Magnetis.

Naquela época, o juiz decretou, ainda, a prisão temporária de Jerson Maciel da Silva, pelo prazo de cinco dias, prorrogáveis. O juiz ainda pediu a quebra do sigilo bancário e fiscal das falidas, dos seus sócios, gerentes e administradores, desde a data da constituição da Avestruz Master Agro-comercial Ltda.

O estrago foi tão grave entre centenas de famílias brasileiras, que o juiz determinou ao Banco Central do Brasil que fornecesse cópias dos extratos de movimentação bancária de todas essas pessoas em qualquer instituição financeira. Ele determinou ainda à Secretaria



Recorte de um vídeo da fazenda, que foi vendida em 2007

da Receita Federal que forneça cópias das declarações de imposto de renda de todos os envolvidos.

A falência do grupo Avestruz Master gerou, no total, 189 ex-empregados das empresas e as irregularidades lá dentro eram exorbitantes e absurdas. Em dezembro de 2007, o mesmo juiz, Carlos Magno Rocha da Silva, determinou a liquidação de todos os bens arrecadados pela massa falida do grupo Avestruz Master.

Com a medida, ficou autorizado a vender não só as fazendas e o Frigorífico Struthio Gold, mas também todos os bens particulares dos donos da empresa liquidada, incluindo lotes, apartamentos, box de garagens e veículos já em poder da Justiça Federal.



GRANDES CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL E SEU CARÁTER INICIÁTICO

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E AS AVENTURAS DE PINÓQUIO

"Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Desses, onde não faltam animais ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente – que se despertam consciências" (La Fontaine, escritor e fabulista francês, 1621-1695).

Algumas das mais famosas obras literárias infantis como "Alice no País das Maravilhas" do escritor inglês Lewis Carroll (1832-1898) e "As aventuras de Pinóquio" do italiano Carlo Collodi (1826-1890), ambos filiados à cultura maçônica, são, segundo estudiosos, eivadas de simbolismo iniciático, carregadas de mensagens transpessoais, esotéricas – em suma, estruturas e esquemas de uma sessão mágico-figurativa, a que se acresceram alguns elementos de fantasia e personagens coadjuvantes. São histórias que evocam o desenvolvimento pessoal e evolutivo, a exemplo dos personagens Alice e Pinóquio, que vão escoimando suas limitações, vícios, com a ajuda de mentores – o coelho e o grilo falante, que são expressões da Consciência – tornando-se, assim, progressivamente, seres humanos autorrealizados. Textos de ordem moral que enaltecem a evolução pessoal-transcendental do ser, a educação e aprimoramento do Eu, a renúncia aos vícios e à ociosidade.

Ambas as histórias descrevem simbolicamente o longo e cansativo caminho a ser percorrido pelo iniciado (alma) em sua lapidação cósmica. São os passos e provas do caminho, pelas quais o espírito se dignifica, se burila para entrar no Templo Interior. Uma viagem conquanto atribulada, na busca constante da espiritualidade, da sabedoria, para, após transformado, iluminado, possa comungar da Divindade.

PINÓQUIO – Segundo a Drª Cecilia Gatto Trocchi, antropóloga da Universidade de Perugia, a obra "Aventuras de Pinóquio"

é, na verdade, um texto maçônico de alto sentido esotérico, nos moldes do "Livro dos Mortos" e do "Conto da Serpente Verde", do também maçom Goethe (1749-1832). Obra literária infantil a mais lida no mundo inteiro e cujo alcance e conteúdo intrigam os estudiosos, eivada de cultura esotérico-macônica e onde se faz presente o uso da numerologia, alquimia, psicanálise, gnose. O próprio título-personagem "Pinóquio" (pin+occhio), "olho mestre" é, em si, uma chave iniciática, remontando ao "terceiro olho" ou "olho de Shiva" – representação/manifestação do fogo e da inteligência – peculiar à tradição religiosa oriental.⁽¹⁾ O grilo é a expressão do Superego, a indicação do real caminho a seguir. Gato e raposa como expressões dos corpos astral e mental. A dedicação do marceneiro em trabalhar a madeira como a busca da quintessência (transmutação alquímica).

"As aventuras de Pinóquio" recompõem, quase como um símbolo, a nacionalidade e o patriotismo italianos, com suas raízes rurais e interioranas; escrito, ademais, à época dos renhidos combates pela unificação italiana, movimento liderado por notáveis patriotas como Cavour, Garibaldi, Victor Emanuel, a que Collodi se juntou fervorosamente. "As Aventuras de Pinóquio", inicialmente denominada "Storia di um burattino" ("História de uma marionete") foi escrita por Collodi, um profundo estudioso do ocultismo, em 1882. De elementos simples – um vilarejo no norte da Itália, um marceneiro-escultor, o circo ambulante, um gafanhoto, um monstro marinheiro – Collodi coloca, em trama, estruturas universais e de vida que incluem o criar, o perder, o recriar – a existência recheada de perigos, armadilhas, desafios, assim como as ideologias autoritárias que usurparam a liberdade e asfixiam as leis.





No relato de Pinóquio, Gepeto é um velho mestre que usa avental e que cria/desenha um boneco a partir do compasso (avental e compasso são objetos maçônicos). Com a ajuda da Fada Azul e que o presenteia com o grilo, o boneco adquire vida (torna-se um menino), cujo comportamento rudimentar, inadequado, de mentiras, fazem-lhe crescer o nariz e orelhas de burro, símbolos da vida inconsciente, imatura, superficial e alegorias de agregados psíquicos próprios de um eu hiperatro-

fiado. Quando lançado ao mar, engolido por uma baleia (paralelismo com o mundo bíblico de Jonas e também um emblema da Câmara de Reflexões e Iniciações maçônicas) Pinóquio decide mudar, abolindo e despindo-se de seus vícios temporais, retornando do ventre da baleia de forma remida, transformado em menino de carne e osso, vencendo, para tanto, as manifestações egoísticas inconscientes – personificadas, até então, nos instintos e emoções imaturas.

NOTAS

(1) Literalmente, no dialeto toscano, *Pinocchio* significa "semente de pinheiro", "pinhão", a semente a germinar, a se desenvolver, a formar o ser (consciência)

Obra transformada em filme por Walt Disney (1901-1965) em 1940. Em nossos dias, o cineasta italiano Guillermo Del Toro está lançando o filme "Pinóquio", tendo como ênfase a virtude da desobediência e a premissa da identidade humana – "o ser amado como se é"

CORRELAÇÃO/PARALELISMO DA OBRA 'AS AVENTURAS DE PINÓQUIO' COM A MAÇONARIA

Uma riquíssima simbologia e iconografia iniciática que leva ao conhecimento de si mesmo, ao autoaperfeiçoamento, a amplificação da consciência, a experiência de mundos internos, o crescimento gradual da sabedoria.

- **Gepeto, um velho mestre marceneiro que usa avental** = mestre maçom. Avental, um dos itens da indumentária maçônica
- **Confecção de boneco de madeira** = o trabalhar a "pedra bruta" "A madeira, com a qual Pinóchio foi esculpido, é a própria humanidade" (Benedetto Croce, filósofo italiano)
- **Desenho do boneco com um compasso** = compasso, um dos ferramentas ritualísticas maçônicas
- **Estrela azul** = Estrela Flamígera (também instrumento/peça da iconografia maçônica)

• **Fada Azul que dá vida ao boneco** = Mãe e Mãos Divinas. Todas as orientações da Fada para que o menino se comportasse bem, seguindo o sendeiro da virtude e superando, assim, a vulnerabilidade das tentações e os pecados capitais peculiares à mente profana.

• **Grilo Falante** = conselheiro, grão-mestre / A Consciência, um outro eu dentro de nós, a voz que nos fala em nosso interior, comportando-se como um olhar alheio, olhar mestre. Não há evolução, melhoria pessoal sem a expressão e expansão da Consciência.

• **Baleia** = Câmara das Reflexões na iniciação maçônica. Descida ao centro da terra. Decidindo mudar, renegar o passado inconsciente e inconstante, o iniciado é expelido da sombra e purificado pela água e fogo.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS – Alice passa por sucessivas experiências, estímulos e transformações, graduando-lhe o nível do ser e que lhe franqueiam o acesso ao País das Maravilhas.

ilhas. Situações existenciais e personagens de fundo gnóstico-maçom. Exemplos:

- **Descida de Alice ao interior da terra** = descida ao interior de si mesmo para reaprendizado/iniciação
- **O livro que a irmã lê, sem imagens e diálogos** = vida inconsciente, vazia
- **Velho coelho de luvas brancas** = mestre maçom de luvas brancas (luvas – acessório ritual utilizado em loja maçônica)
- **Preocupação com o atraso para a reunião** = sessão ritualística com seu horário rigidamente programada/egrégora
- **Alice acompanhando o coelho até a toca** = Toca, alegoria à Câmara de Reflexões. A porta, onde ela não consegue entrar, senão após passar e superar sucessivas provas e transformações (os quatro elementos iniciáticos). Tendo acesso à porta, esta se abre para o jardim, onde três jardineiros (os oficiantes da iniciação – venerável e dois vigilantes) pintam rosas brancas de vermelho – transformação que se opera em cada um ao se iniciar. Denominam-se ali uns aos outros por números – nomes/códigos simbólicos usados pelos iniciados/membros da confraria
- **Ordem de cortar as cabeças** – o estar disciplinadamente "à ordem" (perfilado) durante a cerimônia maçônica ou gnóstica
- **O cortejo da Rainha** – cortejo de entrada no templo
- **Jogo de críquete entre todos os membros** = cadeias de união ou de irradiação (egrégoras)
- **Votações e deliberações**.

"Para voltar ao País das Maravilhas, basta conservar o coração puro e os olhos tão transparentes como o céu de verão".

Lewis Carroll

AO PÉ DA FOGUEIRA



A FATURA DE CONSUMO DE ÁGUA

De temperamento acirrado, pendendo ao maçante; por exceléncia, sovina. Dos milhares de clientes daquela agência bancária, nenhum tão obstinado, peremptório com números, detalhes e particularidades de sua movimentação financeira. Conferia de cima a baixo extratos, exigindo explicações, reclamando sempre, questionando lançamentos, esmiuçando, discordando. Avareza extremada, nada lhe passava despercebido.

Endinheirado, desses adiposos marajás aposentados do erário – herança do colonialismo que, talvez, nunca nos deixará – vivendo existência epicuristica, de grandes, pabulagens, olhando o mundo e as pessoas de cima para baixo. Correntista, há anos, naquele movimentada sucursal bancária, funcionários ali já habituados aos seus achaques e petulâncias, ei-lo, certa manhã, adenrandando a agência, colérico – ou melhor, assim se fazendo, teatral, dramático – acatando um rol de impropérios contra tudo e todos.

– Bando de espertalhões, me passando para trás há anos, me trapaceando...

Exibia, nas mãos, inúmeros extratos bancários, imputando à agência e funcionários, diversos lançamentos, segundo ele indevidos, praticamente esfregando-os no rosto do gerente. Afirmava, em suma, com todas as letras, ser vítima de volumosa fraude, ao longo dos anos, relativo ao indevido lançamento de uma “ pena d’água”, que, segundo ele, não era de quaisquer imóveis de sua propriedade, nem fora por ele autorizado o registro de débito. Exigia a devolução de todos os valores irregularmente debitados, acrescidos de juros, correção monetária, além de percentuais por ele próprio arbitrados a título de danos morais e materiais.

A gerência, atenciosamente, se prontificou a apurar os fatos: após alguns dias de pesquisa junto à sede da instituição financeira, não se conseguiu identificar a origem ou a fonte geradora do lançamento, se o pretenso erro provinha do sistema de informá-

tica da empresa concessionária dos serviços de água, (que encaixinhou o disquete com a relação de usuários para débito automático) se no processamento interno da instituição financeira, se algum equívoco do próprio correntista (proprietário ele de dezenas de imóveis, quase todos alugados) enfim, praticamente nada se avançou na elucidação do problema.

A partir do código da “ pena d’água”, investigou-se o real domicílio beneficiário da conta, chegando-se a uma residência, na verdade um choupo, na periferia da região metropolitana da capital mineira, onde uma pobre senhora e seu séquito de seis ou sete crianças, todas filhas de companheiros diferentes, em condições miseráveis e sub-humanas. Perguntada se pagava conta de água, esclareceu que um de seus ex-companheiros, se responsabilizara e assumira, há anos, o pagamento das tarifas. Não soube ela, todavia, esclarecer por onde andava o antigo e fortuito parceiro, sequer seu nome correto.

– Há anos não tenho notícias dele. Também nunca apareceu para saber como os dois filhos dele estão... esclareceu, acabrunhada.

Informada de que, doravante, ela teria que assumir o pagamento pelo fornecimento d’água (valores que, se sabe, são elevados, quando não abusivos) a senhora entrou em estado de torpor e pânico, vivendo ela e numerosa prole da ajuda de programas sociais do governo.

O petulante cliente da agência, mediante acordo, acabou aceitando o reembolso dos últimos valores pagos, sem, contudo, a aderência de juros e outros penduricalhos por ele exigidos inicialmente, de forma truculenta, espalhafatosa.

Embora apregosse, a plenos pulmões, ser pessoa religiosa, caritativa, visto ostensivamente em cultos religiosos. Instado a continuar pagando a tarifa de água, ou mesmo cotizar, enfim, em ato de benemerência, dada a precariedade econômico-social da família até então beneficiária do “equívoco”, recusou-se peremptoriamente.

CORREÇÕES BOLETIM Nº CCV, OUTUBRO/2024

Errata/Retificação

Boletim nº CCV, outubro/2024 – Texto “A MULHER DE BABY DOLL”

Correções:

No parágrafo “– Da imobiliária, se identifica. – Preciso colher a assinatura do locador...”

Leia-se: “Preciso colher a assinatura, a mando do locador...”

No parágrafo “Convida-o a entrar, ao que ele resiste. A mulher insiste. Realiza volteios, malabarismos sensuais à sua frente, o voluptuoso corpo à mostra. Solta os cabelos de forma cuidadosa, estudada, provocativa, aproximando-se ousadamente do visitante, jogando os fios enleantes, envolventes praticamente sobre o rosto do visitante...”

Leia-se: “Solta os cabelos de forma cuidadosa, estudada, provocativa, aproximando-se ousadamente, jogando os fios enleantes sobre o rosto do visitante...”

Realização:



Apoio:

